

Luana Ferreira de Freitas<sup>1</sup>

Marie-Hélène C. Torres<sup>2</sup>

Walter Carlos Costa<sup>3</sup>

**R**oberto González Echevarría, Enrique Pupo-Walker e David Habery, no terceiro volume da *The Cambridge History of Latin American Literature*, dedicado ao Brasil, defendem que “A brasileira é a mais independente e talvez a mais original literatura nacional no Novo Mundo”<sup>4</sup> (2008, p. 1). Earl Fitz, estudioso da literatura brasileira, concorda e vai além: “A literatura brasileira é excepcional e merece estar entre as literaturas nacionais conceituadas do mundo”<sup>5</sup> (2020, p. 2). Pode parecer, em um primeiro momento, que as citações acima são condescendentes ou fantasiosas, mas há fatores indicando que a posição do Brasil no espaço literário mundial está mudando.

A literatura brasileira está buscando seu espaço no que Pascale Casanova chama de “jogo literário mundial” (2002, p. 32) e está ganhando, cada vez mais, “políglotas literários (ou protagonistas do espaço literário, editores, intermediários cosmopolitas, descobridores cultos...) e tradutores literários – tanto para exportação quanto para importação – que fazem os textos circularem” (2002, p. 37). A publicação de duas traduções quase simultâneas de *Memórias póstumas de Brás Cubas* para o inglês em 2020 e o processo de literarização pelo qual *Complete Stories* de Clarice Lispector passou são prova disso.

Esse número dedicado à “Tradução, recepção e circulação da literatura brasileira” está ligado à História da Tradução da Literatura Brasileira, à crítica da literatura e à circulação da literatura brasileira em outras línguas e culturas. Os textos aqui reunidos podem contribuir para a História da Literatura Brasileira Traduzida como parte integrante, em diferente medida, da História da Literatura Ocidental e da História da Literatura Mundial.

O estudo da recepção e circulação das traduções pode mostrar como a literatura brasileira tem sido traduzida e consumida tanto em uma perspectiva histórica quanto estética, revisando a expectativa de uma associação entre a literatura brasileira e o exotismo e o possível impacto dessa evolução do Brasil literário traduzido na formação do cânone literário internacional e brasileiro.

O artigo de Pablo Cardellino Soto abre esse número com a proposta de usar notas como recurso para diminuir distâncias que se impõem à tradução do romance machadiano *Esau e Jacó* para o espanhol. Tendo traduzido para o espanhol, além de *Esau e Jacó*, *Dom Casmurro*, *Casa velha*, “O alienista” entre outros contos, o autor é um estudioso de Machado de Assis e conhecedor da crítica machadiana com a qual dialoga em seus textos. Soto parte da sua experiência de tradução de *Esau e Jacó* e, mais especificamente, discute notas feitas ao longo da tradução do romance e, em um

---

<sup>1</sup> Professora da UFC, membro fundadora e coordenadora da POET - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFC e membro da PGET - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC. Bolsista de produtividade do CNPq. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0165-421>

<sup>2</sup> Professora da UFSC, membro fundadora e primeira coordenadora da PGET - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC e membro da POET - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFC. Bolsista de produtividade do CNPq. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9263-0162>

<sup>3</sup> Professor da UFSC, membro fundador da PGET Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC e da POET - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFC. Bolsista de produtividade CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5853-0950>

<sup>4</sup> “Brazil's is the most independent, and perhaps most original, national literature in the New World”.

<sup>5</sup> “Brazilian literature is exceptional, and it deserves to rank among the outstanding national literatures of the world”.

segundo momento, analisa duas traduções do romance para o espanhol, de 1905 e de 2008. Assim, estratégias de tradução de aspectos ligados ao tempo e ao espaço do qual Machado escrevia e que representam um desafio até para o leitor brasileiro do século XXI são discutidas.

No artigo “O método de Isabel Burton na primeira tradução de um romance brasileiro para a língua inglesa - *Iraçéma*, *The Honey-Lips*, de José de Alencar”, Eduardo Luis Araújo de Oliveira Batista analisa a recepção da literatura brasileira em língua inglesa a partir desta primeira tradução de obra brasileira para o inglês, *Iraçéma*. O autor trata, entre outras, das questões de autoria, do gênero indianista e da formação de uma tradição de representação exótica da cultura brasileira no estrangeiro. Por fim, Batista coteja original e tradução para estabelecer o método tradutório de Burton de acordo com a classificação de Javier Aixelá (2013) a partir da tradução de itens culturais específicos, como, por exemplo, referências culturais indígenas.

Em “Djamila Ribeiro: lugares de fala em tradução italiana”, Andréia Guerini e Giorgio Buonsante apresentam Djamila Ribeiro, seu percurso de ativista do movimento feminista negro e sua obra. A autora é premiada e reconhecida no Brasil e no exterior pelos livros *O que é lugar de fala* (2017), *Quem tem medo do feminismo negro* (2018) e *Pequeno manual antirracista* (2019). Guerini e Buonsante sintetizam referências intelectuais, objetivos e metodologia empregados por Ribeiro em *O que é lugar de fala* para então tratar da sua tradução para o italiano. Os autores discutem opções da tradutora de *O que é lugar de fala* para o italiano, Monica Paes, e oferecem alternativas de tradução que estejam de acordo com os objetivos de Ribeiro, entre os quais trazer a consciência branca para a luta antirracista e feminista.

Em “Graciliano Ramos em outras terras”, Elizabeth Ramos, neta do escritor, apresenta um panorama das traduções de *São Bernardo* (1934), *Vidas secas* (1938) e *Infância* (1945) entre as décadas de 1950 e 1990, com especial atenção para a linguagem e cultura do sertão que permeiam a obra do escritor. Partindo dos arquivos do Instituto de Estudos Brasileiros, Ramos encontra um número relativamente alto de traduções: *Vidas secas* conta com 21 traduções para o tcheco, polonês, búlgaro, turco, romeno, dinamarquês, entre outros; *São Bernardo* conta com 10 traduções para o húngaro, finlandês, neerlandês, alemão, entre outros, e *Infância* com três traduções, duas para o inglês e uma para o francês. A partir desse levantamento, que não se pretende exaustivo, Ramos se concentra nas traduções de *Vidas secas* que empregaram glossário nas traduções como estratégia para itens lexicais próprios do sertão. Um dos pontos altos do artigo é o contato que Elizabeth Ramos teve com tradutores e editoras, entre os quais destacam-se August Willemsen, tradutor de *Vidas secas* e *São Bernardo* para o neerlandês e a correspondência da Gallimard a Heloísa Ramos, viúva do escritor.

Em “Uma recepção francesa de *Primeiras Estórias* (1962) de João Guimarães Rosa”, Inês Oseki-Depré analisa a recepção da tradução de *Primeiras Estórias*, na França, em 1982, sob o título de *Premières histoires* pela editora Métailié. O comentário de tradução de Oseki-Depré, repleto de exemplos, envolve questionamentos quanto à resistência em relação às inovações na língua de Guimarães Rosa e da sua tradutora e sobre as novas leituras, a partir de 2012, das obras rosianas na França em que a hermenêutica prevalece sobre a linguística ou os Estudos da Tradução.

Kamila Moreira de Oliveira e Philippe Humblé no artigo “Guimarães Rosa em Tradução para o Inglês: História, Recepção e Crítica” apresentam um breve histórico da literatura brasileira traduzida para o inglês, retomando Burton, Wells, Lorente, Brown e Goldberg. Os autores tratam do contexto histórico e político, a partir da década de 1940, que vai influenciar o aumento de traduções de literatura brasileira para o sistema literário anglófono e, em 1960, da primeira tradução de Rosa com o conto “Duelo”. A partir de então foram traduzidos *Primeiras estórias*, *Grande Sertão: Veredas* e *Sagarana* e, depois disso, Rosa vai aparecer em língua inglesa apenas com contos em antologias. Oliveira e Humblé discutem o peso que as traduções tiveram na recepção de Rosa na cultura estadunidense e a expectativa que se tem da cultura brasileira.

O artigo “A função da retradução: *Grande Sertão: Veredas* em francês” de Sheila Maria dos Santos aborda a questão da retradução como crítica literária, o que lhe permite examinar a recepção

crítica da obra e do autor, Guimarães Rosa. Santos apoia sua argumentação em teóricos como Robert Kahn, Antoine Berman e ainda Yves Gambier e faz um cotejo minucioso das duas traduções existentes em francês, a de 1965 de Jean-Jacques Villard e a de 1996 de Maryvonne Lapouge-Pettorelli. A autora verificou e analisou semelhanças, distanciamentos e procedimentos etnocêntricos utilizados por ambos os tradutores e concluiu que as traduções têm mais semelhanças que distanciamentos e que ambas adotam procedimentos etnocêntricos.

Joaquim Martins Cancela Junior, autor de “Recepção Crítica e Postura Tradutória em *The Third Bank of the River*, de Guimarães Rosa”, vai tratar da complexidade do estilo de Rosa. Cancela parte de trocadilhos no texto fonte para analisar a tradução da estética rosiana em *The Third Bank of the River* traduzido por Barbara Shelby e publicado em Nova York em 1968. Cancela apresenta vários fragmentos do texto de Rosa e as traduções de Shelby e, em alguns casos, de David Treece em tabelas. Cancela conclui que o texto de Shelby tem uma tendência a priorizar a informação semântica, ao passo que a tradução de Treece, em geral, tende a priorizar o plano estético.

Regina Almeida do Amaral e Marie-Hélène Torres em “O homem que sabia javanês é o mesmo que falava javanês?” oferecem um panorama da vida, obra e estilo limabarretiano, além de fazer um apanhado das traduções de suas obras. Em seguida, as autoras analisam a tradução de Monique Le Moing, publicada em 2012, do famoso conto de Lima Barreto para o francês, “L’homme qui parlait javanais”. As autoras demonstraram como a tradutora de Lima Barreto na França foi influenciada na sua tradução pela crítica cristalizada sobre o autor e propõem uma análise da tradução fundamentada nas tendências deformadoras de Antoine Berman (2014), mais especificamente, clarificação, empobrecimento qualitativo e racionalização.

Em “Translation and Note on Translation of ‘The Man who Knew Javanese’ by Lima Barreto”, Michel François apresenta a sua tradução do famoso conto “O homem que sabia javanês”. A tradução, parte de sua pesquisa de tradução comentada no doutorado em Estudos Literários da Tradução, vem acompanhada de uma nota introdutória em que François trata brevemente do enredo do conto, do estilo limabarretiano e dos desafios para a tradução. A sua tradução enxuta exhibe na medida certa o tom de malandragem e esperteza que permeia o texto de Lima Barreto.

O penúltimo texto deste número da *Revista de Letras* é a resenha de *La traduction en citations: florilège*, de Jean Delisle, de Eric Claude Leurquin e Walter Carlos Costa. Trata-se da segunda edição de um livro excepcional porque é, ao mesmo tempo, uma obra erudita e lúdica, a súmula de uma vida dedicada à tradução e aos estudos da tradução. Os autores da resenha retraçam a exemplar carreira acadêmica de Delisle e recordam que a primeira edição contou com um prefácio de Henri Meschonnic, reproduzido nesta reedição, onde o teórico francês apresenta uma síntese de suas reflexões, hipóteses e propostas. A resenha reproduz uma generosa seleção de citações que cobrem vários séculos de meditação sobre o fenômeno tradutório, com ênfase para os escritores europeus. Mesmo o mais informado dos estudiosos encontrará trechos pouco frequentados de autores conhecidos e desconhecidos.

Fecha este número uma ampla e densa entrevista, feita por Luciana Carvalho Fonseca e Ursula Puello Sydio, com a tradutora Flora Thomson-DeVeaux, autora de uma das duas traduções de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicadas nos Estados Unidos, em 2020. Tal como ocorreu com a tradução de Katrina Dodson, de *The Complete Stories*, Clarice Lispector, a tradução de Thomson-DeVeaux marca um novo momento na circulação da literatura de Machado no mundo anglófono. Como tinha ocorrido antes com a tradução de August Willemsen para o neerlandês, temos umas *Memórias Póstumas* na principal língua franca do mundo reconhecível aos apreciadores das elipses, da ironia e do sutil mundo mental de Machado. Na entrevista, Thomson-DeVeaux mostra que isso não foi obra do acaso, mas fruto de um projeto unindo trabalho perspicaz e extremo cuidado.

Esperamos que os textos desse número dedicado às letras brasileiras possam contribuir de alguma forma para a discussão da literarização e internacionalização da literatura brasileira.